

1



Londres, início de Junho, 1831

*S*r. Cunningham, como já deixei claro, não tenho nenhum interesse em pintar o retrato da filha de Lorde Tregonning. — Gerrard Reginald Debbington reclinava-se elegantemente numa poltrona no salão de fumar de seu clube de seletos cavalheiros. Ocultando sua frustração crescente, ele sustentou o olhar fixo do agente de Lorde Tregonning. — Concordei com esse encontro na esperança de que Lorde Tregonning, tendo sido informado de minha recusa em ser remunerado para pintar o retrato, tivesse concordado em permitir meu acesso aos jardins de Hellebore Hall.

Ele era, afinal, o principal pintor de paisagens da alta sociedade; os famosos jardins de Lorde Tregonning estavam há muito à espera de alguém como ele.

Cunningham empalideceu. Limpando a garganta, lançou um olhar para os papéis espalhados sobre a pequena mesa entre os dois.

Ao redor deles, um discreto murmúrio se espalhava; Gerrard estava pouco atento aos olhares ocasionais lançados na direção deles. Outros membros o viam, mas ao notar Cunningham se continham; percebendo que negócios estavam sendo tratados, eles cuidavam para não se intrometer.

Cunningham tinha por volta de vinte e cinco anos, alguns a menos do que os vinte e nove anos de Gerrard. Vestido com sobriedade, um preto fora de moda sobre um linho durável e um colete cor de marfim, seu rosto redondo, sobrancelhas caídas, e toda a atenção voltada para seus papéis o estigmatizavam como um homem de negócios.

Quando Cunningham dignou-se a falar, Gerrard tinha um esboço já formado em sua mente, intitulado “homem de negócios em ação”.

— Lorde Tregonning me instruiu para lhe comunicar que, apesar de ele apreciar suas reservas em se comprometer com um retrato de alguém que o senhor ainda não viu, tais reservas só fortalecem sua convicção de que o senhor é o pintor de que ele precisa para esse trabalho. O lorde compreende inteiramente que o senhor pintará a filha dele do modo que a vê, sem quaisquer ofuscamentos. E isso é precisamente o que ele deseja: ele quer que o retrato seja uma expressão fiel, um retrato preciso da Srta. Tregonning, como ela realmente é.

Os lábios de Gerrard se estreitaram; isso não estava levando a lugar nenhum.

Sem levantar o olhar, Cunningham continuou:

— Além do valor oferecido, o senhor pode usar quantos meses julgar necessários para completar o retrato, dentro do período de um ano; e durante esse prazo, o senhor terá acesso ilimitado e irrestrita permissão para esboçar e pintar os jardins. Se desejar, poderá levar um amigo ou companhia; ambos ficarão hospedados em Hellebore Hall por todo o tempo em que permanecerem lá.

Gerrard conteve sua exasperação. Ele não precisava ouvir a oferta novamente, não importava o quanto fosse encantadoramente adornada; ele a tinha recusado duas semanas atrás, quando Cunningham o tinha previamente sondado.

Movendo-se, seu olhar cruzou com o de Cunningham.

— Seu patrão se engana. De fato, eu nunca, nunca pinto por pagamento. Pintar é um interesse permanente, um a que sou rico o suficiente para entregar-me. Pintar retratos, no entanto, não é mais do que um passatempo eventual, bem-sucedido, talvez, mas não uma das coisas mais atraentes para mim, ou para minha alma de pintor, se preferir.

Não era exatamente verdade, mas na atual circunstância, suficientemente adequado.

— Embora fique atraído pela oportunidade de pintar os jardins de Hellebore Hall, nem isso seria incentivo suficiente para me levar a aceitar um retrato para o qual não tenho inclinação, nem necessidade, para pintar.

Cunningham o olhou fixamente. Respirou de modo curto e tenso, olhou rapidamente para baixo e então para cima novamente, seu olhar fixo no ombro esquerdo de Gerrard.

— O lorde me instruiu para lhe informar que essa será a oferta final... e que, no caso de o senhor recusar, ele será forçado a procurar outro pintor que possa incumbir-se do retrato, e esse outro pintor terá a mesma

permissão no que diz respeito aos jardins, assim como lhe foi oferecido. Subsequentemente, Lorde Tregonning se assegurará de que, durante sua vida e a de seu herdeiro imediato, nenhum outro artista terá permissão de acesso aos jardins de Hellebore Hall.

Reprimir uma reação, permanecer sentado, requereu toda a considerável força de vontade de Gerrard.

O que *diabos* pensava Tregonning, recorrendo a esse tipo de extorsão...?

Ele olhou para o outro lado, sem nada ver.

Uma coisa estava clara. Lorde Tregonning estava decidido e determinado a tê-lo como pintor do retrato de sua filha.

Firmando o cotovelo no braço da poltrona, Gerrard apoiou o maxilar sobre seu punho, fixou o olhar do outro lado da sala, e procurou uma maneira de escapar dessa armadilha muito bem armada. De imediato, nada surgiu em sua mente; sua violenta antipatia em permitir que um retratista aproveitador fosse o único artista a ter acesso às fabulosas paisagens que, diziam, cercavam Hellebore Hall estava enevoando sua percepção.

Gerrard olhou para Cunningham.

— Preciso considerar a proposta de Lorde Tregonning com mais cuidado.

Dado o tom metálico que infestava sua fala, ele não ficou surpreso que Cunningham tivesse mantido a expressão cuidadosamente neutra. O homem meneou a cabeça uma única vez.

— Sim, claro. Quanto tempo...?

— Vinte e quatro horas. — Se ele deixasse tal assunto torturá-lo por mais do que isso, sem resolver, enlouqueceria. Levantou-se e estendeu a mão. — O senhor está no Cumberland, acredito?

Recolhendo rapidamente seus papéis, Cunningham levantou-se e apertou-lhe a mão.

— Sim. Ah... Esperarei pelo senhor.

Gerrard fez um breve aceno com a cabeça. Ele permaneceu perto da cadeira até que Cunningham tivesse partido, então se virou e fez o mesmo.

Caminhou pelos parques da capital — St. James, Green Park, e então pelo Hyde Park. Uma má escolha; seus sapatos mal tinham tocado o gramado quando ele foi chamado por Lady Swaledale, ávida por apresentá-lo a sua filha e sua sobrinha. Um bando de matronas com donzelas de olhos brilhantes a reboque inclinava-se em suas carruagens, esperando atrair a atenção dele; outras rodeavam, exibindo-se na beira do gramado.

Notando sua tia Minnie, Lady Bellamy, em sua carruagem, parada do outro lado da Avenida, ele desculpou-se com uma particularmente afetuosamente e grudenta mãe sob o pretexto de cumprimentá-la. No instante em que chegou à carruagem, pegou a mão de Minnie e, com um gesto extravagante, beijou-a.

— Peço sua misericórdia: salve-me — implorou Gerrard.

Minnie riu, satisfeita. Ela deu um tapinha em sua mão e reclinou-se para oferecer-lhe sua delicada face, a qual ele beijou zelosamente.

— Se você já tivesse escolhido, meu caro, elas teriam debandado e teriam ido caçar em outro lugar.

— Não que nós queiramos apressar sua escolha. — Timms, a companheira de Minnie, inclinou-se para a frente para estender a mão a Gerrard. — Mas enquanto permanecer à solta, você deve esperar ser perseguido.

Gerrard assumiu uma expressão de zombaria desalentada.

— *Até tu*, Timms?

Timms riu com desdém. Ela tinha ficado mais macilenta com os anos, mas não havia nada de errado com sua mente.

Ou com a de Minnie; ela o contemplou com sagacidade, até mesmo com carinho.

— Abastado como você, com uma excelente propriedade, com os interesses comerciais nos quais os Cynsters o apoiaram, e sendo meu principal herdeiro, não há modo de escapar disso, meu querido... se você fosse feio como o diabo poderia ganhar um tempo delas, mas como é, o célebre cavalheiro pintor que se tornou, você tem tudo para ser o sonho de qualquer mãe carinhosa e casamenteira.

Gerrard olhou com desgosto.

— Não estou bem certo de que casamento, pelo menos num futuro próximo, faça parte de meus interesses.

Essa era sua postura atual, apesar de não tê-la compartilhado com ninguém até então.

— Oh? — Minnie arregalou os olhos. Séria por um momento, ela perscrutou o rosto de Gerrard, então seu doce sorriso voltou. — Não preocuparia sua mente com tais pensamentos, meu caro. — Ela deu um tapinha em sua mão. — Quando a dama certa aparecer, tudo será muito fácil.

Timms concordou com sabedoria.

— De fato. Não faz sentido imaginar que você poderá decidir algo assim.

Longe de tranquilizá-lo, as palavras das duas fizeram soar o alarme.

Ele o escondeu atrás de um sorriso. Avistando um grupo de amigos, ele agarrou a oportunidade para se retirar; despedindo-se de Minnie e Timms, atravessou o gramado.

Quatro cavalheiros acenaram para ele. Todos o conheciam; todos, assim como ele, estavam em condição e idade para se casarem. Todos estavam um pouco à parte, estudando o terreno.

— A garota dos Curtiss é bem interessante, não é? — Philip Montgomery levantou os óculos para observar melhor a beleza que desfilava entre as duas irmãs.

— Se você suportar as risadinhas — retrucou Elmore Standish. — Na minha opinião, as garotas Etherington valem mais a pena.

Gerrard meio que ouvia seus comentários; ele era um deles, socialmente falando, apesar de seu hobby pouco convencional colocá-lo meio à margem. Isso tinha lhe aberto os olhos para uma verdade que seus companheiros ainda teriam de notar.

Ele trocou alguns comentários, um tanto cínicos, então continuou a caminhar, na relativa segurança dos Jardins de Kensington.

Àquela hora, os caminhos de cascalho estavam ocupados por babás e amas secas cuidando de suas crianças, que brincavam ruidosamente pelos gramados. Poucos cavalheiros caminhavam por ali, damas da sociedade raramente se aventuravam por esse caminho.

Gerrard queria se concentrar na proposta ultrajante de Lorde Tregoning; mas ao invés, os gritos alegres das crianças o distraíam, desviando sua mente por um caminho um pouco diferente.

Família. Crianças. A próxima geração. Uma esposa. Um casamento bem-sucedido.

Eram todos elementos que ele acreditava que um dia teria; ainda tocavam alguma coisa dentro dele, ainda lhe diziam alguma coisa. Eram coisas que ainda desejava. No entanto, ironicamente, enquanto sua pintura, principalmente a dos retratos, tinha-o colocado numa posição em que ele poderia escolher qualquer uma entre as damas disponíveis, esse mesmo talento que o tornava capaz de criar arte tão admirável tinha aberto seus olhos, e o deixado cauteloso.

Em escolher uma esposa. Em se casar. Mais especialmente, em relação ao amor.

Não era um assunto sobre o qual ele ficava à vontade para discutir; até mesmo pensar sobre o amor o deixava desconfortável, como se, ao fazê-lo, estivesse tentando o destino. Mesmo assim, aquilo com que ele se deparara

e se engalinhara ao pintar sua irmã Patience e seu marido, Vane Cynster, e depois outros casais que tinham posado para ele, aquilo a que tinha reagido e se esforçado para retratar na tela era tão inerentemente poderoso, que ele teria de ser cego para não compreender o poder dessa força a impactar sua vida. A afetá-lo, a perturbá-lo. Talvez a extrair a energia criativa de que ele precisava para dar vida a seu trabalho.

Se ele se rendesse a isso.

Se ele alguma vez se apaixonasse, seria ainda capaz de pintar? Apaixonar-se, casar-se por amor, como sua irmã e como muitos outros de sua grande família tinham feito, seria uma fonte de felicidade, ou um desastre criativo?

Quando pintava, ele vertia tudo o que era nessa atividade, todas as suas energias, e todas as suas paixões; se sucumbisse ao amor, iria isso sugá-lo e prejudicar sua habilidade de pintar? Haveria uma conexão — seria a paixão que alimentava o amor a mesma que alimentava seu talento criativo, ou eram as duas totalmente separadas?

Gerrard pensara muito, e por muito tempo, mas encontrara pouco conforto. Pintar era uma parte intrínseca dele mesmo; todo instinto que ele possuía afastava-o violentamente de qualquer ação que pudesse degradar sua habilidade de pintar.

Assim, tinha se afastado do casamento. Dado um passo para trás. Apesar da visão de Timms, ele tinha tomado a decisão de que para ele, pelo menos pelos próximos anos, amor era uma emoção que faria bem em evitar; casamento, portanto, não tinha até o momento figurado em seu horizonte.

Essa decisão deveria ter acalmado sua mente. No entanto, ele permanecia incomodado, insatisfeito. Ainda não em paz com o caminho escolhido.

De qualquer modo, não conseguia ver nenhum outro caminho razoável.

Refocalizando, percebera que tinha parado; estava olhando um grupo de crianças brincando perto do lago. Seus dedos formigavam, um sintoma familiar da ânsia pelo lápis e por um bloco de desenho. Ele permaneceu por vários minutos, deixando as vinhetas das crianças penetrarem em sua memória visual, então se moveu.

Dessa vez, foi bem-sucedido em se concentrar na oferta de Lorde Tregonning. Em considerar os prós e os contras. Desejos, instintos, e os consequentes impulsos o fizeram ir ao sabor do vento, seguindo para esse

lado, depois para o outro. Voltando para a ponte sobre o lago Serpentine, ele parou e avaliou.

Em três horas, ele não chegara precisamente a lugar nenhum, além de confirmar o quanto Tregonning o tinha decifrado. Ele não podia discutir tal proposta com nenhum amigo artista; seus amigos que não eram artistas não iriam compreender o quanto estava tentado, apesar de dividido.

Gerrard precisava falar com alguém que entendesse.

Eram quase cinco horas quando ele subiu os degraus da casa de Vane e Patience Cynster, na Curzon Street. Patience era sua irmã mais velha. Seus pais haviam morrido quando ele era jovem; Patience fora sua mãe postiça por muitos anos. Quando ela se casara com Vane, Gerrard fora acolhido no clã dos Cynsters, tratado como se fosse da família, protegido de Vane. Para se tornar o homem que era no momento, a influência dos Cynsters fora crucial, algo pelo qual era profundamente grato.

Seu pai, Reggie, não fora um modelo satisfatório; aos Cynsters, Gerrard devia não apenas seu sucesso financeiro, mas também sua elegância, sua confiança inabalável, e esse toque de arrogância fria que, entre os cavalheiros da alta sociedade, os colocava, assim como a ele, à parte.

Em resposta às suas batidas, Bradshaw, o mordomo de Vane, abriu a porta; sorrindo, ele lhe informou que Vane e Patience estavam em casa e que poderiam, naquele momento, ser encontrados na sala de estar, nos fundos.

Gerrard sabia o que isso queria dizer. Entregando sua bengala, sorriu e dispensou Bradshaw.

— Eu me anuncio.

— Está certo, senhor. — Lutando com um sorriso, Bradshaw fez uma mesura.

Gerrard ouviu as risadas antes de abrir a porta da sala. No instante em que o fez, fez-se o silêncio. Três cabeças se viraram, alfinetando-o com olhares acusadores — então, seus sobrinhos e sobrinha perceberam quem ousara interromper sua brincadeira.

Eles voltaram a si como demônios. Emitindo gritos ensurdecadores de “Tio Gerrard”, atiraram-se em sua direção.

Rindo, ele apanhou o mais velho, Christopher, e o balançou para cima e para baixo. Christopher deu gritinhos de alegria; rindo, Gregory pulava, observando o rosto de seu irmão voltado para o alto. Therese se juntou a eles. Depois de chacoalhar Christopher com cuidado, Gerrard o pôs no chão e, rosnando como um ogro, abriu os braços e levantou os dois mais novos.

Equilibrando-os, caminhou até a poltrona na frente da lareira.

Da poltrona disposta diante do fogo, com seu filho mais novo, Martin, balançando sobre seus joelhos, Patience sorriu-lhe de modo indulgente.

Com os ombros largos apoiados na lateral da poltrona de Patience, Vane sorriu; ele estava lutando com as três crianças quando Gerrard entrou.

— O que o traz aqui? Certamente não a oportunidade de ter seus cabelos puxados por nossos monstrosinhos.

Soltando-se dos fortes apertos de Gregory e Therese em seus antes arrumados cabelos, Gerrard fugazmente retribuiu o sorriso.

— Oh, não sei. — Colocando a dupla numa poltrona, abaixou-se para se sentar entre os dois. Ele olhou de um para o outro. — Há algo nesses dois, você não acha?

As crianças exultaram, e agarraram a oportunidade para bombardeá-lo com histórias sobre suas mais recentes façanhas. Ele ouviu, como sempre, envolvido por sua inocência, sua visão intocada pelos eventos mundanos. Por fim, eles se cansaram. Os garotos desabaram de cada um dos lados de Gerrard; Therese bocejou, descendo da poltrona e subindo no colo de seu pai.

Vane depositou um beijo sobre seus cachos sedosos, acomodou-a e então olhou para Gerrard.

— Então, o que foi? Obviamente foi alguma coisa.

Reclinando-se, Gerrard lhes contou sobre a proposta de Lorde Tregonning.

— Assim, vocês vêem: estou encurralado. Definitivamente não quero pintar o retrato, de modo algum. A filha dele, sem dúvida, provará ser uma típica e mimada cabeça-oca, ou pior, alguém acostumada a mandar como uma rainha em seu rústico território. Não haverá nada para eu pintar além de um egoísmo vazio.

— Ela pode não ser tão ruim — disse Patience.

— Tudo indica que é pior. — Ele suspirou profundamente. — Eu me arrependo do dia em que permiti exibir os retratos das gêmeas.

Desde o princípio, Gerrard tinha sido um pintor de paisagens. Ele ainda o era — esse era seu primeiro e mais profundo desejo — mas dez anos atrás, puramente por curiosidade, ele experimentou pintar retratos de casais. Vane e Patience foram os primeiros a quem pedira para posarem para ele; essa pintura estava pendurada sobre a lareira da casa deles em Kent, na segurança de um ambiente privado. Em seguida, pintou outros casais, todos da família ou conhecidos, e as pinturas que daí resultaram

sempre tinham adornado salas particulares. No entanto, seu anseio por desafios o tentou; depois de pintar os retratos de todos os casais, ele se decidira a pintar retratos iguais das gêmeas Cynster, Amanda, agora Condessa de Dexter, e Amelia, Viscondessa Calverton, cada uma segurando seus primogênitos.

Os retratos deveriam ser pendurados na casa de campo delas, mas aqueles da alta sociedade que os viram quando ainda estavam em Londres tinham criado tal clamor que os curadores da Academia Real de Belas Artes tinham *implorado*, literalmente implorado para que ele permitisse que os trabalhos fossem expostos na exibição anual de retratos. A consideração tinha sido encantadora; ele se permitira ser persuadido.

E vivera para lamentar-se disso.

Vane olhava-o com um carinho divertido.

— Tão difícil ter tal sucesso.

Gerrard bufou.

— Eu deveria nomeá-lo meu agente e deixá-lo lidar com a horda de matronas, cada uma delas totalmente convencida de que suas filhas são o tema perfeito para meu próximo grande retrato.

Patience sacudiu Martin sobre seus joelhos.

— É apenas um retrato.

Gerrard balançou negativamente a cabeça.

— Não é assim que funciona. É um daqueles grandes riscos: escolher um tema. No momento, minha reputação está sólida e intacta. Um retrato verdadeiramente horrível poderia prejudicá-la de modo incalculável. De qualquer modo, eu me recuso a atender as expectativas de meus retratados, ou de seus pais. Eu pinto o que vejo, o que significa que Lorde Tregonning e sua encantadora filha ficarão, muito provavelmente, desapontados.

As crianças estavam cada vez mais inquietas. Patience levantou-se quando a babá apareceu; acenou para a mulher matronal e lançou um olhar para as crianças.

— É hora do chá. Pudim de pão esta noite, não esqueçam.

Gerrard escondeu um meio sorriso enquanto a fascinação por pudim de pão vencia a atração que restava por ele. Os dois garotos escorregaram para o chão, recitando despedidas educadas. Therese, ajudada a descer do colo do pai, mandou-lhe um beijo, e então correu para alcançar seus irmãos, já do lado de fora da porta.

Patience entregou o bebê, então fechou a porta após a saída de seus filhos e voltou para sua poltrona.

— Então por que você está tão angustiado? Simplesmente recuse o convite do lorde.

— É justamente *isso*. — Gerrard passou os dedos pelos cabelos. — Se eu recusar, não apenas vou perder todas as chances de pintar o famoso Jardim da Noite, mas garantirei que o único pintor que terá a chance de pintá-lo pelos próximos cinquenta anos será algum retratista amador, que provavelmente nem reconhecerá o que estará olhando.

— Qual é o ponto? — Vane levantou-se, espreguiçou-se, e então foi para outra poltrona. — O que há nesses jardins que os fazem tão especiais?

— Os jardins de Hellebore Hall, na Cornualha, foram originalmente planejados em 1710. — Gerrard pesquisara os detalhes depois que Cunningham entrara em contato com ele pela primeira vez. — A área é única: um pequeno e protegido vale voltado para sudoeste, que captura o clima de modo que as mais fantásticas plantas e árvores, que não crescem em nenhum lugar da Inglaterra, florescem lá.

E continuou:

— A casa está situada no alto do vale que corre em direção ao mar. O projeto proposto foi visto por muitos, e gerou muito alvoroço na época. Por conseguinte, os jardins foram criados durante trinta longos anos, mas a família se tornou reclusa. Poucas pessoas viram os jardins completos. — Gerrard lançou um olhar para Patience. — Os poucos que os viram ficaram arrebatados. Artistas paisagistas desejaram ardentemente pintar os jardins de Hellebore Hall por décadas. Nenhum deles obteve sucesso em conseguir permissão. — Seus lábios se apertaram. Ele lançou um olhar para Vane. — O vale e seus jardins ficam numa imensa propriedade particular, e a enseada é cheia de pedras e perigosa, assim, esgueirar-se e desenhar às escondidas nunca foi uma opção viável.

— Então todo pintor de paisagens da Inglaterra...

— E do Continente, e mesmo das Américas.

— ...iria agarrar a oportunidade de pintar esses jardins. — Vane virou a cabeça. — Tem certeza de que vai deixar passar a chance?

Gerrard arfou de modo explosivo.

— Não. Esse é o meu problema. Principalmente por causa do Jardim da Noite.

— O que é isso? — perguntou Patience.

— Os Jardins abrangem diversas áreas, cada uma nomeada com um deus do mundo antigo ou um ser mitológico. Há o Jardim de Hércules,

que fica ao longo de uma encosta e possui muitas árvores fortes e altas, e o Jardim de Ártemis, todo com animais de topiaria, e assim por diante.

E continuou:

— Uma das áreas é o Jardim de Vênus. Ele contém um grande número de espécies afrodisíacas e extremamente perfumadas, muitas das quais apenas florescem à noite, e incorpora uma gruta e uma piscina alimentada por um córrego que corre através do vale. É localizado na cabeça do vale, logo abaixo da casa. Devido a alguma sutileza da natureza, essa área em particular cresce sem muito controle, de modo espesso. Uma alma sortuda que o viu apenas uma década mais ou menos depois de seu plantio descreveu-o como um paraíso gótico: uma paisagem escura a eclipsar as outras. Ficou conhecido como o Jardim da Noite.

Gerrard fez uma pausa e então acrescentou:

— Em termos de paisagem artística, pintar o Jardim da Noite é semelhante a encontrar o Santo Graal. Está lá, mas está há muitas gerações fora do alcance.

Vane fez uma cara séria.

— Escolha difícil.

Gerrard concordou.

— É uma decisão do tipo “uma desgraça se eu aceitar, e uma desgraça se não aceitar”.

Patience olhou de um para o outro.

— Na verdade, a decisão é bastante simples. — Seu olhar cruzou com o de Gerrard. — Tudo o que tem de decidir é se você está ou não disposto a arriscar que seu talento esteja à altura da tarefa de pintar um retrato *razoável* de uma jovem dama, contra a certeza de ser capaz de pintar o Santo Graal.

Ela inclinou a cabeça.

— Colocando de outro modo: quanto você quer pintar o Jardim da Noite? O suficiente para desafiar a si mesmo a criar um retrato decente de uma jovem dama?

Gerrard olhou para seus olhos cinzentos, sustentando o olhar direto de Patience. Depois de um momento, lançou um olhar para Vane.

— Irmãs.

Vane riu.



Mesmo depois da drástica redução que Patience fizera da decisão com que ele se deparava, Gerrard poderia tê-la recusado, se não fosse pelo sonho. Ele passou a noite com Patience e Vane, conversando despreocupadamente sobre outras coisas; quando se despediu de Patience no *hall*, ela beijou seu rosto e sussurrou:

— Você sabe o que quer fazer, então o faça. Assuma o risco.

Ele sorriu, deu um tapinha no ombro da irmã, então foi caminhando para casa, considerando, examinando as possibilidades, mas cada vez mais pendendo para o lado de como poderia compor o retrato de uma fútil superficial, sem ser muito insultante.

Chegando a sua casa na Duke Street, subiu as escadas até seus aposentos. Compton, seu camareiro, subiu correndo para ajudá-lo a se despir de seu casaco e levar o traje para ser escovado e conferido com todo o devido respeito. Gerrard sorriu, despiu-se e caiu na cama.

E sonhou com o Jardim da Noite.

Ele nunca o vira; no entanto, parecia tão vívido, tão sedutor, tão impressionantemente escuro. Tão cheio da energia poderosa com a qual, como pintor, estava bastante sincronizado. Havia perigo e excitação, um pouco de ameaça, e algo um pouco mais profundo, mais elementarmente sinistro escondido nas sombras.

Isso o chamava. Sussurrava de modo sedutor.

Ele acordou de manhã com os apelos ainda frescos em sua mente.

Não acreditava em presságios.

Levantando-se, vestindo um robe de veludo sobre as calças e a camisa, ele desceu. Tomar decisões importantes de estômago vazio nunca foi sábio.

Ele mal havia começado seu presunto com ovos quando uma batida repetitiva se fez na porta de entrada. Reconhecendo o sinal, Gerrard alcançou o bule e encheu uma xícara — antes que o Honorável Barnaby Adair pudesse esvaziá-lo todo.

A porta da sala escancarou-se.

— Por Deus! — Barnaby, uma figura alta, elegante, com cabelos dourados, ostentava um olhar de tremenda perseguição, assolado. — Poderiam os santos me salvar de todas aquelas mãos ensandecidas? — Seu olhar recaiu sobre o bule de café. — Sobrou algum?

Sorrindo, Gerrard acenou tanto para o bule quanto para os pratos enquanto Compton se apressava, colocando prato e xícara adicionais.

— Sirva-se.

— Obrigado... você é meu salvador. — Barnaby afundou-se na cadeira ao lado de Gerrard.

Gerrard o olhou com uma graça afetuosa.

— E bom dia. O que o deixou desconcertado? Será que o baile de Lady Harrington se mostrou muito excitante?

— Não Harrington. — Barnaby fechou os olhos, saboreando o café. — Ela é um tipo suficientemente decente. — Abrindo os olhos, ele examinou os pratos. — Foi Lady Oglethorpe e sua filha Melissa.

— Ah! — Gerrard lembrava-se da conexão. — A velha amiga de sua querida mamãe que esperava ser obsequiada e ter sua filha acompanhada pela cidade?

— Ela mesma. — Barnaby deu uma mordida numa torrada. — Você se lembra da história do patinho feio? Bem, Melissa é isso ao contrário.

Gerrard riu.

Barnaby e ele eram quase da mesma idade, de ídoles e formações semelhantes, com gostos e aversões parecidos, e ambos tinham um passatempo excêntrico. Ele não conseguia se lembrar de como se encontraram pela primeira vez na cidade, mas nos últimos cinco anos os dois haviam se envolvido em várias aventuras diferentes, ficando cada vez mais confortáveis na companhia um do outro, e agora chamando um ao outro, sem hesitação, para todo e qualquer tipo de ajuda.

— Não há escapatória — declarou Barnaby —, terei de fugir da cidade.

Gerrard sorriu.

— Não pode ser tão ruim.

— Sim, pode. Eu lhe disse, Lady Oglethorpe não está me visando apenas como um acompanhante. Ela tem um brilho nos olhos que não me engana, e se isso não fosse suficientemente ruim, a horrível Melissa fechou suas mãos sobre o peito... não um peito ruim, mas o restante é sem salvação... e fervorosamente disse que essa senhoria seria o seu ideal, e que nenhum cavalheiro na cidade poderia se comparar à minha magnificência. — Barnaby fez um trejeito horrendo. — Para piorar ainda muito mais, como papai diria... isso me fez me sentir mal. E é *junho*... elas não sabem que a temporada de caça terminou?

Gerrard olhou pensativamente para seu amigo. Barnaby era o terceiro filho de um conde, e tinha herdado uma propriedade substancial de sua tia por parte de mãe; assim como Gerrard, ele era um alvo privilegiado de matronas com filhas para casar. Enquanto Gerrard podia e usava a pintura

para evitar os piores convites, o hobby de Barnaby de investigar crimes era uma diversão muito menos aceitável.

— Eu acho — refletiu Barnaby — que poderia ir até a casa de minha irmã, mas não tenho tanta certeza de que ela não é perigosa também. — Seus olhos se estreitaram. — Se ela convidar os Oglethorpes para visitá-la no verão... — Ele estremeceu.

Gerrard reclinou-se e pegou sua xícara de café.

— Se você está tentando escapar da terrível Melissa, poderia vir comigo para a Cornualha.

— Cornualha? — Barnaby piscou os olhos azuis. — O que há na Cornualha?

Gerrard lhe contou tudo.

Barnaby animou-se.

— Cuidado — avisou Gerrard — haverá pelo menos uma jovem dama descasada presente, e onde há uma...

— Existe pelo menos uma penca — concordou Barnaby. — No entanto, eu já lidei com todas as interessadas, até agora... é apenas Melissa, a mãe dela e as conexões familiares que me desmoralizaram.

Tal desmoralização tinha sido claramente passageira; Barnaby caiu em cima da última salsicha, então olhou para Gerrard:

— Então, quando partimos?

O olhar de Gerrard cruzou com o dele. Patience estava certa, não que ele fosse algum dia lhe dizer isso.

— Escreverei para o agente de Lorde Tregonning hoje. Vou precisar de suprimentos extras, e de me certificar de que tudo o mais está em ordem por aqui... podemos dizer, no final da próxima semana?

— Excelente! — Barnaby ergueu sua xícara para um brinde, esvaziou-a e pegou o bule. — Tenho certeza de que posso passar despercebido até lá.



Doze dias depois, Gerrard conduzia seu cabriolé entre um par de pilares de pedra envelhecidos que sustentavam placas anunciando a entrada de Hellebore Hall.

— Certamente é bem longe de Londres. — Relaxado, sentado ao lado de Gerrard, Barnaby olhava em volta, curioso e um tanto intrigado.

Eles tinham partido da capital havia quatro manhãs, revezando os

dois cavalos cinzentos de Gerrard a cada trecho, parando em hospedarias que ficavam no caminho na hora do almoço e a cada noite.

O caminho, uma continuação da alameda que eles tinham tomado ao saírem da estrada para St. Just e St. Mawes, era ladeado por velhas árvores, com grandes troncos e amplas e espessas copas. Os campos eram resguardados, de ambos os lados, por densas cercas-vivas. Uma sensação de estar enclausurado num corredor vivo, uma oscilante colagem de verde e marrom, os perpassava. Entre o topo das cercas-vivas e os galhos que pendiam, podiam ter instigantes vislumbres do mar, centelhas prateadas debaixo de um céu cerúleo. Acima e à direita, uma nesga de mar que era margeado por penhascos distantes, um misto de oliva, púrpura e cinza esfumado nas primeiras luzes da tarde.

Gerrard olhou de modo esquivo para o clarão.

— Pelo que sei, aquele trecho de mar deve ser Carrick Roads. Falmouth deve estar um pouco mais adiante.

Barnaby olhava.

— É muito longe para divisar a cidade, mas deve haver muitos barcos por lá.

A terra desaparecia; a alameda seguia, curvando-se levemente para sul e oeste. Eles perderam a visão de Carrick Roads enquanto o pico que levava a St. Mawes se interpunha à sua direita, e as árvores sentinelas que se alinhavam na alameda acabavam subitamente. O cabriolé chacoalhou, ao pôr do sol.

Ambos respiraram fundo.

Diante deles estavam as aberturas irregulares onde um antigo vale havia sido invadido pelo mar. À sua direita, St. Mawes, um braço da Península Roseland, uma proteção sólida do frio do vento do norte; à sua esquerda, a áspera charneca do braço mais ao sul surgia, aplacando quaisquer fustigadas dos ventos do sul. Os cavalos seguiram seu caminho e a paisagem mudou, uma nova vista abriu-se conforme desceram mais adiante.

A alameda os conduziu através dos campos inclinados, até que apareceram umas escarpas, e telhados de duas águas surgiram adiante, entre eles e as águas azul-esverdeadas da enseada. Abrindo num amplo e descendente arco, a alameda ia em direção à casa que majestosamente surgia na paisagem, depois fazia uma curva numa ampla volta feita de cascalhos diante da entrada da frente.

Circulando a última curva, Gerrard reduziu a velocidade dos cavalos; nem ele nem Barnaby pronunciaram uma palavra enquanto desciam pelo

último trecho. A casa era... extravagante, fabulosa — *maravilhosa*. Havia inúmeras pequenas torres para se contar, múltiplos balcões adornados com ferro batido, uma abundância de arcos estranhamente moldados, janelas de todos os tipos, e segmentos de salas formando excêntricos ângulos nas paredes de pedra cinzenta.

— Você não disse nada a respeito da casa — disse Barnaby enquanto os cavalos se aproximavam do pátio e eles eram forçados a parar de olhar.

— Eu não *sabia* nada sobre a casa — retrucou Gerrard. — Eu apenas tinha ouvido falar dos jardins.

Braços daqueles jardins, os famosos jardins de Hellebore Hall, saíam do vale acima do qual ficava a casa e abraçavam a fantástica criação, mas a maior parte dos jardins ficava escondida atrás dela. Equilibrada como uma sentinela na parte de cima do vale que se estendia para a enseada rochosa, a casa bloqueava toda a visão do vale e dos jardins ali contidos.

Gerrard soltou sua respiração, a qual não notara que prendera.

— Não há dúvida de que ninguém nunca conseguiu se infiltrar e pintar sem ser notado.

Barnaby lançou um olhar divertido, endireitando-se enquanto Gerrard segurava as rédeas, e ambos entravam no pátio cheio de sombras de Hellebore Hall.



Sentada na sala de estar de Hellebore Hall, Jacqueline Tregonning notou o som por que estava esperando — o ressoar de cascos, o macio ranger do cascalho debaixo das rodas da carruagem.

Nenhum dos outros espalhados pela sala tinha ouvido nada; todos estavam muito ocupados especulando sobre os aspectos da natureza dos visitantes que estavam por chegar.

Jacqueline preferia não especular, não quando podia vê-los com seus próprios olhos, e fazer uma ideia deles por si mesma.

Tranquilamente, em silêncio, ela se levantou da poltrona ao lado do sofá no qual estavam sentados seus amigos mais íntimos, Eleanor Fritham e a mãe de Eleanor, Lady Fritham, os vizinhos do Solar Tresdale. Ambas estavam envolvidas numa discussão animada com a Sra. Elcott, a esposa do vigário, sobre as descrições dos dois cavalheiros que estavam sendo esperados, e que tinham sido feitas pelos seus correspondentes da capital.

— Um tanto arrogantes, os dois, meu primo disse — a Sra. Elcott fez uma cara de descrédito. — Eu ousaria dizer que os dois se acham melhores do que nós.

— Não vejo por que o fariam — retrucou Eleanor. — Lady Humphries escreveu que ambos são de excelentes famílias, bem mesmo da alta sociedade; eles foram agradáveis e receptivos ao serem convidados. — Eleanor invocou sua mãe. — Por que iriam levantar os narizes para nós? Além do mais, nós somos toda a sociedade que há por aqui... eles ficarão isolados num canto se se sentirem superiores.

— É verdade — concordou Lady Fritham. — Mas se forem a metade dos bem-nascidos que sua senhoria concluiu serem, os dois não estarão por cima aqui dentro. Marquem minhas palavras — Lady Fritham moveu a cabeça cheia de presságio, fazendo seus múltiplos queixos e os laços de sua touca balançarem — a marca de um verdadeiro cavalheiro aparece na naturalidade com a qual ele se comporta em qualquer companhia.

Escapulindo discretamente, passando sem ser percebida pela grande sala em direção à janela que proporcionava uma melhor visão do pórtico da frente, Jacqueline cinicamente observava os outros presentes; além da irmã de seu pai, Millicent, que depois da morte de sua mãe viera viver com eles, ninguém teria uma real razão para estar ali.

A não ser uma descontrolada curiosidade como razão suficiente.

Jordan Fritham, o irmão de Eleanor, estava conversando com a Sra. Myles e suas filhas, Clara e Rosa, ambas ainda solteiras. Millicent permanecia junto a elas, Mitchel Cunningham a seu lado. O grupo estava envolvido em discutir a arte de pintar retratos, e o extraordinário êxito de Mitchel e do pai de Jacqueline em persuadir a mais famosa celebridade da sociedade artística a agraciar Hellebore Hall e favorecê-la com seus talentos.

Calmamente, Jacqueline aproximou-se da janela. Apesar das opiniões de seu pai, de Mitchel ou da celebridade artística, seria *ela* quem iria receber o favor. E ainda não decidira se iria ou não posar para ele, e não iria se decidir até que tivesse avaliado o homem, seus talentos e, o mais importante, sua integridade.

Ela sabia por que seu pai havia sido tão insistente para que esse homem, e apenas esse, pudesse pintar o retrato que ele queria. Millicent tinha sido brilhante em plantar as sementes na mente do lorde, e alimentá-las até que tivessem frutificado. Sendo a pessoa que estava mais intimamente envolvida, no final das contas, Jacqueline estava consciente de que o homem ocuparia uma posição central; sem seus talentos e a integridade que

ostentava no que dizia respeito a seu trabalho, esses planos não iriam dar em nada.

E não havia nenhum outro caminho para se escolher.

Parada a dois passos da janela, ela olhava atentamente para os ocupantes do cabriolé que tinha acabado de parar diante do pórtico; nessas circunstâncias, ela não se sentia nem um pouco culpada em espionar Gerard Debbington.

Primeiro, tinha de identificar qual dos dois homens era ele. O que estava conduzindo? Aquele cavalheiro de cabelos alourados descera de modo ágil, e depois parara para lançar um comentário divertido para o outro homem, que permanecia sentado, as rédeas frouxas ainda em suas mãos de longos dedos.

Os cavalos cinzentos do cabriolé eram cavalos puro sangue, e tinham sido bem revezados; Jacqueline notou isso num olhar de relance. O homem que segurava as rédeas tinha cabelos negros, com feições bem talhadas e fortes; o de cabelos alourados era mais bonito, o moreno, mais charmoso.

No segundo que ela levou para piscar, percebeu o quanto lhe foi estranho notar; a beleza masculina raramente ocupava sua mente. Então, olhou novamente para os dois diante da entrada, e interiormente admitiu que seus atributos físicos eram difíceis de serem ignorados.

O homem que ainda estava sentado se moveu; um cavaliariço apareceu e ele desceu da carruagem, entregando-lhe as rédeas.

E ela teve sua resposta: ele era o pintor. Ele era Gerrard Debbington.

Uma dúzia de pequenas coisas confirmava isso, desde a força aparente naqueles longos dedos enquanto ele desfazia os laços, até a perfeição austera de suas roupas, e a intensidade controlada que o cercava, cada detalhe tão real quanto seu casaco elegante.

Aquela intensidade veio como um choque. Ela tinha se revestido de coragem para lidar com algum frívolo elegante ou vaidoso falastrão, mas esse homem era muito diferente.

Ela observava enquanto ele respondia a seu amigo com uma palavra imperceptível; a linha de seus lábios finos não tinha se curvado muito — o mais tênue traço de um sorriso. Força controlada, intensidade dominada, determinação impiedosa — essas eram as impressões que se espalhavam pela mente de Jacqueline enquanto ele se virava.

E olhava diretamente para ela.

Sua respiração prendeu-se, suspensa, mas ela não se moveu; ficou parada distante demais do vidro para que ele pudesse vê-la. Então ela ouviu

saias farfalhando, passos soando na parte mais distante da sala; olhando para os dois lados, viu Eleanor, e as duas garotas Myles, e suas mães se amontoando na janela que dava visão para a entrada. Jordan espiava sobre as cabeças das mulheres.

Ao contrário dela, todos tinham se amontoado bem perto do vidro.

Olhando de volta para Gerrard Debbington, ela o viu examinando-os, e sorriu interiormente. Se ele tivesse sentido que alguém o observava, iria pensar que eram eles.

Gerrard olhou para o grupo de rostos olhando espalhafatosamente pelas janelas amplas que davam de frente para a entrada. Erguendo uma sobranceira, ele se virou; evitando o olhar de uma única mulher que estava em pé numa das janelas próximas ao pórtico, ele olhou para Barnaby.

— Parece que somos esperados.

Barnaby também podia ver o grupo de olhos arregalados, mas o ângulo da janela mais próxima escondia de sua visão a mulher solitária. Ele fez um gesto em direção à porta.

— Devemos anunciar nossa chegada?

Gerrard concordou:

— Toque a sineta.

Andando até uma alça de ferro pendendo na porta, Barnaby deu uma batida.

Virando a cabeça, Gerrard olhou mais uma vez para a mulher. Sua imobilidade confirmava que ela acreditava que ele não podia vê-la. A luz transbordava pela sala, a partir das janelas atrás dela, diagonalmente através de onde ela estava; graças a isso, ela era, na verdade, primeiramente uma silhueta, mal iluminada. E era suficientemente inteligente, pois, para perceber isso.

Mas se esquecera, ou não tinha conhecimento, do efeito do madeiramento pintado. Gerrard juraria que a moldura ao redor da janela tinha pelo menos vinte centímetros de largura e era pintada de branco. E irradiava bastante luz de volta, difusa e suave, verdade, mas luz, o suficiente para deixá-lo ver o rosto dela.

Apenas o rosto.

Ele já vislumbrara o rosto de três jovens, todas pouco inspiradoras, como esperara, no outro grupo. Sem dúvida, a pessoa que pintaria era uma delas; Deus sabia que ele daria um jeito.

Essa dama, no entanto... ele poderia pintá-la. Soube disso num instante; apenas num relance, tudo estava ali. Apesar de as feições da moça

não estarem muito nítidas, havia uma qualidade... de imobilidade, de profundidade, de complexidade por trás de sua face oval e pálida... que chamou sua atenção.

Assim como o sonho com o Jardim da Noite, a visão daquele rosto o atingiu, o tocou, chamou o artista que havia em sua alma.

A porta da frente se abriu e ele se virou. Exteriormente, assumiu o papel de cumprimentar e ser cumprimentado. Cunningham estava lá, fazendo as honras; Gerrard apertou-lhe a mão, sua expressão branda, sua mente em outro lugar.

Uma governanta, ou uma acompanhante. Ela estava na sala de estar, atrás das portas que ele podia ver agora, então, a menos que ela batesse numa rápida retirada, ele iria conhecê-la. Desse modo, ele teria de achar alguma maneira de ter certeza de que ela estava inclusa, junto com os jardins, nos seus outros temas de pintura.

— Este é Treadle — Cunningham apresentou o mordomo, que se curvou. — E a Sra. Carpenter, nossa governanta.

A senhora de rosto severo e olhar competente meneou-se numa cortesia.

— Qualquer coisa de que precisem, senhores, por favor, peçam. — A Sra. Carpenter endireitou-se. — Ainda não designei seus quartos, pois não sabia quais seriam suas exigências. Talvez, depois que olharem em volta e decidirem quais quartos lhes servirão melhor, possam informar ao Sr. Treadle e a mim, e teremos tudo arranjado rapidamente.

Gerrard sorriu.

— Obrigado. Nós o faremos. — O charme por trás de seu sorriso funcionou com sua mágica usual. O rosto da Sra. Carpenter se abrandou, e Treadle endireitou-se um pouco.

— Este é o Sr. Adair. — Gerrard apresentou Barnaby que, com seu ar habitual de boemia, acenou com a cabeça para os dois serviçais e Cunningham.

Gerrard olhou para Cunningham.

Que parecia subitamente impaciente.

- Ah... se vierem por aqui, vou apresentá-los às damas, e avisar Lorde Tregonning de que o senhor está aqui.

Gerrard deixou o seu sorriso crescer uma fração mais proposital.

— Obrigado.

Cunningham virou-se e se adiantou a eles para as portas duplas, conduzindo-os para dentro do que Gerrard supôs ser a sala de estar.

Ele estava certo. Eles entraram numa sala grande o suficiente para acomodar três diferentes áreas para uma conversação confortável. Num dos finais, não longe da janela, mas reunida em cadeiras colocadas diante de uma grande lareira, estava o grupo de damas e o jovem que os espiara, e uma dama de meia-idade que ele não vira ainda.

Bem à frente, num sofá que dava para as portas, havia duas matronas, uma das quais estava olhando Barnaby e ele com uma desaprovação incipiente.

Apesar de não olhar na direção delas, Gerrard ficou instantaneamente alerta para a dama solitária, que estava só e olhando diretamente para os dois, do outro lado da sala.

Controlando sua impaciência, Gerrard pôs-se ao lado de Cunningham, que parou a uma certa distância do portal. Barnaby parou bem atrás de seu ombro. Gerrard olhou para o pequeno grupo de jovens senhoritas, esperando para ver qual se adiantaria — qual das três ele iria odiar pintar. Para sua surpresa, todas permaneceram recuadas.

A dama de meia-idade, com uma expressão de boas-vindas no rosto, veio em sua direção.

Assim como a dama solitária à sua esquerda.

A dama de meia-idade era muito velha, não poderia ser ela.

A jovem dama se aproximou ainda mais; ele não pôde mais resistir, e olhou diretamente para ela.

E a viu, seu rosto, pela primeira vez, em plena luz.

Seus olhos se encontraram, e ele percebeu seu erro.

Não era uma governanta. Nem uma acompanhante.

A dama que seus dedos já formigavam para pintar era a filha de Lorde Tregonning.